

ARTIGO

# NARRATIVAS DE SOFRIMENTO NO JORNALISMO IMPRESSO:

## A construção de cenas e o lugar dos sujeitos

Copyright © 2015  
SBPjor / Associação  
Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo

DANILA CAL

*Universidade Federal de Minas Gerais e Universidade da  
Amazônia, Brasil*

LEANDRO LAGE

*Universidade Federal de Minas Gerais e Universidade da  
Amazônia, Brasil*

**RESUMO** - O artigo busca compreender estratégias narrativas mobilizadas pelo jornalismo impresso para constituir cenas de sofrimento ligadas ao trabalho infantil doméstico, considerado uma atividade laboral opressora e cerceadora dos direitos infanto-juvenis. Parte-se da discussão teórica sobre a "linguagem da piedade" (H. Arendt) para entender, a partir do exame de matérias jornalísticas sobre o tema, os modos de narrar o sofrimento e a inscrição narrativa dos sujeitos sofredores. Exploram-se questões éticas subjacentes a esses relatos, problematizando-se estratégias narrativas comumente recomendadas aos jornalistas, como a tematização de injustiças sob a forma da denúncia e a inscrição de personagens e histórias de vida. Conclui-se, à luz da linguagem da piedade, que essas histórias são decisivas para o modo como o trabalho infantil doméstico se configura ou não como problema público e para a compreensão dos gestos de retratação do sofrimento nas narrativas jornalísticas.

**Palavras-chave:** Narrativas. Jornalismo impresso. Sofrimento. Trabalho infantil doméstico. Piedade.

### **NARRATIVAS DE SUFRIMIENTO EN EL PERIODISMO IMPRESO: la constitución de escenas y el lugar de los sujetos**

**RESUMEN** - El artículo pretende comprender estrategias narrativas mobilizadas por el periodismo impresso para constituir escenas de sufrimiento conectadas con el trabajo infantil doméstico, considerado una actividad laboral opresora y cercenadora de los derechos infanto-juveniles. Se parte de la discusión teórica sobre la "lengua de la piedad" (H. Arendt) para entender, a partir del examen de materias periodísticas sobre el tema, los modos de narrar el sufrimiento y la inscripción narrativa de los sujetos sufridores. Se exploran cuestiones éticas subyacentes a esos relatos, problematizándose estrategias narrativas comúnmente recomendadas a los periodistas, como la tematización de injusticias bajo la forma de la denuncia y la inscripción de personajes e historias de vida. Se concluye, a la luz del lenguaje de la piedad, que esas historias son decisivas para el modo como el trabajo infantil doméstico se configura o no como problema público y para la comprensión de los gestos de retractación del sufrimiento en las narrativas periodísticas.

**Palabras clave:** Narrativas. Periodismo impresso. Sufrimiento. Trabajo infantil doméstico. Piedad.

## **NARRATIVES OF SUFFERING IN THE PRESS: the construction of scenes and the place of the subject**

**ABSTRACT** - The article seeks to understand the narrative strategies mobilized by press journalism to expose scenes of suffering related to child domestic labor, considered by social organizations as one of the activities in which children and adolescents are more oppressed and have their rights violated. It starts with the theoretical discussion of "politics of pity" (H. Arendt) in order to understand in journalistic narratives the suffering appropriations considering the narrative configuration of scenes and of the suffering subjects. It explores ethical issues underlying these reports, questioning narrative strategies which are commonly recommended to reporters, as the thematization of injustices in the form of the complaint and a description of characters and life stories in the narratives. It concludes, in the light of the language of pity, that these stories are decisive for how child domestic labor is configured or not as a public issue and to understand the gestures of portrayal the suffering in the journalistic narratives.

**Keywords:** Narrative. Press journalism. Suffering. Child domestic labor. Pity.

## **1 INTRODUÇÃO**

São inúmeras as oportunidades oferecidas pela vida moderna de vermos a dor de outras pessoas (SONTAG, 2003). Seja por fotografias, seja pelas imagens do fluxo televisivo, as mídias jornalísticas preparam cotidianamente nosso encontro com vítimas de injustiças e com toda sorte de desafortunados. Diante de um problema tão evidente, numerosos estudos vêm sendo dedicados à compreensão das narrativas jornalísticas (SODRÉ, 2009; MOTTA, 2004; 2013; LEAL; CARVALHO, 2013), em especial daquelas que relatam experiências de sofrimento geradas por situações de exploração e violência, por catástrofes e por guerras (RESENDE, 2009; VAZ; RONY, 2011; TAIT, 2011; ANTUNES, 2012; LAGE, 2013; 2015).

As investigações sobre narrativas jornalísticas de sofrimento, contudo, tendem a privilegiar as abordagens do fotojornalismo (ZELIZER, 2007; PICADO, 2009; BIONDI; VAZ, 2011) e do telejornalismo (CHARAUDEAU, 2006; CHOULIARAKI, 2006a; 2006b; 2009; FROSH, 2009; SERELLE, 2012), graças às imagens que constroem uma particular iconografia do sofrimento tecida diariamente pelas mídias jornalísticas. Com isso, outras tantas modalidades narrativas, do jornalismo impresso diário ao literário, sem falar no jornalismo on-line e nas atividades jornalísticas colaborativas e transmidiáticas, restam

pouco examinadas. O mesmo ocorre com determinadas temáticas em que o sofrimento se mostra menos evidente - que fujam, por exemplo à lógica dos acontecimentos que produzem numerosas vítimas.

Na tentativa de ampliar a discussão para outras modalidades narrativas do jornalismo, bem como para temas menos proeminentes (e, também por isso, relevantes), nosso objetivo será examinar as estratégias narrativas mobilizadas pelo jornalismo impresso para constituir e retratar cenas de sofrimento ligadas à vida de crianças e adolescentes trabalhadores. A questão que se impõe, portanto, é sobre narrativas que, de certa forma, evidenciam pistas sobre os modos como o jornalismo diário se apropria de experiências de sofrimento - em nosso caso específico, do infortúnio de trabalhadoras infantis domésticas. Propõe-se, em suma, fazer uma crítica dessas apropriações jornalísticas do sofrimento, buscando, em reportagens da imprensa escrita paraense - no estado do Pará, esse problema é, ao mesmo tempo, grave e pouco evidente - rastros que nos levem à compreensão do que se insinua um modo bastante peculiar de retratação desses sujeitos trabalhadores e ex-trabalhadores infantis domésticos, considerando dois aspectos: a configuração narrativa de cenas de sofrimento e a inscrição dos sujeitos sofredores nos relatos dessas experiências.

Importa ressaltar que tal esforço deriva da conjunção de dois trabalhos, interessados, por um lado, na configuração política e nas relações de poder no trabalho infantil doméstico (CAL, 2014), e, por outro, nas narrativas e testemunhos midiáticos de sofrimento (LAGE, 2013; 2015). Ao longo da investigação sobre o trabalho infantil doméstico, percebeu-se certa recorrência de esquemas narrativos que ordenavam essas histórias de sofrimento, reservando a esses sujeitos um lugar não apenas de subalternidade, mas o estatuto de vítimas por excelência que, por via de regra, são incapazes de reconhecer o próprio estado de sofrimento.

## 2 PROMESSAS VAZIAS E O SOFRIMENTO QUE NINGUÉM VÊ

Na edição de 30 de março de 2008, o jornal Diário do Pará contou a história de Maria Aparecida dos Santos, em reportagem intitulada *Trabalho ainda ameaça infância*, subtitulada *Uma vida inteira de sacrifício desde os 5 anos*. Cida, como é chamada a personagem daquela narrativa, nasceu em 1964, em Vigia, cidade do nordeste

paraense. Aos cinco anos, mudou-se para capital, onde morou com a madrinha. “A promessa era educá-la e favorecer oportunidades de instrução e emprego. Nunca mais viu os pais analfabetos ou os irmãos. Passou a infância carregando compras, lavando chão, cozinhando e passando roupas” (ZAGHETTO, 2008, p. A10). O drama de Cida é evocado por aquele relato para revelar, “na prática”, o que é trabalhar na infância, tema central daquela reportagem.

Histórias como as de Cida são bastante comuns na região amazônica, em especial no Pará. Como apontam diversos autores (CAL, 2014; LAMARÃO, 2008; MOTTA-MAUÉS, 2012), a saída de meninas do interior do Estado para trabalhar em casas de família na capital é recorrente no Pará, onde o trabalho infantil doméstico, embora seja cada vez mais tematizado midiaticamente, é uma prática historicamente naturalizada. O drama de Cida, ao mesmo tempo individual e coletivo, põe em jogo o próprio trabalho infantil doméstico como questão política, ensejando abordagens sobre questões de gênero e sobre a exploração de crianças e adolescentes. Esse drama evidencia, também, certo modo aparentemente convencional de se contar essas histórias de sofrimento.

O destino de Cida, na narrativa do jornal Diário do Pará, é o mesmo de grande parte das ex-trabalhadoras infantis domésticas (LAMARÃO, 2008; CAL, 2014). Ainda no período colonial, mulheres e meninas escravas já trabalhavam dentro das casas dos senhores cuidando dos filhos deles, realizando todo tipo de serviço doméstico e, não raro, sofrendo abusos sexuais por parte dos patrões (LAMARÃO, 2008). O cerne dessa prática perdura no Pará e meninas ainda são levadas do interior para trabalhar em casas de família da capital em troca de alimentação, roupas e estudo. Essas meninas são tratadas como “crias” ou “afilhadas”, como no caso de Cida, e a relação delas com os patrões é marcada pela ambiguidade entre ora fazer parte da família e ora ser a empregada da casa ou a babá, o que raramente é questionado pelas meninas trabalhadoras, embora provoque sofrimento e frustrações (LAMARÃO, 2008).

Em geral, as meninas domésticas perdem o contato com as famílias de origem e não alcançam sucesso nos estudos por conta das longas jornadas de trabalho e da falta de tempo e espaço adequados para estudar na rotina dos serviços domésticos. Com isso, aumenta-se a dependência em relação aos empregadores, que as criam na condição de agregadas, “uma vez que tudo que deseja e passa a desejar não pertence a si, mas sim a essa família, que,

como constante ameaça, pode lhe dar e tirar de acordo com as circunstâncias” (CARNEIRO; ROCHA, 2009, p. 134-135). Por essas razões, o trabalho infantil é considerado uma das atividades laborais mais opressivas: “As crianças na sua posição subordinada em relação ao adulto estão ainda mais expostas a situações de exploração e de abuso como trabalhadoras domésticas” (ARAGÃO-LAGERGREN, 2003, p. 100). De acordo com a Organização Internacional do Trabalho (OIT, 2011), os trabalhadores infantis domésticos têm maior probabilidade de serem explorados e são os mais difíceis de serem protegidos.

Após examinar a cobertura sobre o trabalho infantil doméstico ao longo de dez anos (2000-2009) nos dois jornais locais mais importantes, O Liberal e Diário do Pará, identificou-se que as primeiras notícias sobre o trabalho infantil doméstico foram incentivadas por pesquisas realizadas pela OIT, pelo Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef) e pelo Centro de Defesa da Criança e do Adolescente (Cedeca-Emaús) (CAL, 2014). Nas narrativas analisadas, cabia às trabalhadoras e ex-trabalhadoras narrar situações vividas enquanto trabalhavam como domésticas, detalhar a rotina diária, falar da relação com a família empregadora e contar os sofrimentos a que eram submetidas. Aquilo que meninas e mulheres afetadas pelo trabalho infantil doméstico poderiam expressar era, sobretudo, circunscrito à manifestação das mazelas vividas na labuta diária confinada ao cotidiano dos lares onde trabalhavam.

As narrativas jornalísticas analisadas sobre o trabalho infantil doméstico reúnem ao menos duas características recorrentes, que, a nosso ver, revelam-se traços de uma “linguagem da piedade”: a aparição do sofrimento como elemento decorrente de um contexto social específico, evidenciando uma problemática política a partir da exposição do infortúnio alheio; e a aparição desses sujeitos sob o viés da exemplaridade, como indivíduos cuja história é, na verdade, a história de outros semelhantes – e, por sua vez, seu sofrimento é correlativo ao de outros sujeitos.

Antes de observarmos como esses aspectos tomam lugar em algumas daquelas narrativas, ainda é preciso explorar conceitualmente esse conjunto de problemas relativos aos modos de narrar o sofrimento e às questões que presidem a aparição dos sujeitos sofredores nessas narrativas.

### 3 A EXPLORAÇÃO DO SOFRIMENTO E O SOFREDOR EXEMPLAR

Na modernidade, o sofrimento se tornou tema massivamente abordado pelas mídias, em especial pelas narrativas jornalísticas, como forma de denunciar situações de injustiça e suscitar ações políticas. A exploração de uma retórica do sofrimento tem início há pelo menos duzentos anos, quando, segundo Boltanski (1993), esteado em H. Arendt, a Revolução Francesa cria as condições para o surgimento de uma linguagem política da piedade ancorada num sentimento de solidariedade provocado pelo “espetáculo do sofrimento” de outras pessoas. Para Arendt (2011), naquele período instaurou-se uma forma de política ancorada no uso de uma retórica da piedade voltada à resolução da “questão social”, que, por sua vez, torna o sofrimento dos outros problema moral diante do qual é preciso agir.

Na retórica da piedade, portanto, o sofrimento é associado a determinadas condições sociais que desafiam a causa política segundo a qual qualquer sofredor merece ter ajuda. E qualquer um que esteja diante do sofrimento do outro deve ajudar. Mas há uma diferença importante entre piedade, solidariedade e compaixão, com grande repercussão nos modos de narrar o sofrimento dos outros. Enquanto que a compaixão tem um componente individual e intersubjetivo, e a solidariedade detém um caráter generalista, a piedade diz respeito a uma atração pela miséria e o infortúnio humanos. Segundo Arendt,

a piedade, à diferença da solidariedade, não contempla imparcialmente a fortuna e o infortúnio, o forte e o fraco; sem o infortúnio, a piedade não existiria, e por isso ela tem interesse na existência dos infelizes, tanto quanto a sede de poder tem interesse na existência dos fracos (ARENDE, 2011, p. 128).

Piedade, nesse sentido, pode ser entendida como a própria perversão da compaixão. E, diferentemente da solidariedade, volta-se com interesse somente pela desgraça e pela fraqueza alheias, sem as quais não poderia existir. As narrativas da política da piedade, segundo a perspectiva arendtiana, têm interesse no sofrimento pelo sofrimento, como pretexto para o reforço de uma causa. Por outro lado, não se pode dizer que elas se voltam ao sofredor pelo sofredor: são modos de narrar que o transformam em integrante de uma comunidade ou de um grupo de sofredores. Desveste-se o sujeito de sua individualidade, de suas singularidades, em favor do sofrimento que o torna parte de um grupo de desafortunados.

O papel do outro, nesses relatos, é o de integrar uma comunidade de sofredores que precisam do auxílio dos afortunados. Nesse contexto, em que a linguagem gira em torno da piedade para com vítimas de certa condição social desfavorável geradora do infortúnio, o sofrimento do outro é visto necessariamente a partir de um distanciamento sentimental e mesmo físico. Essa tópica constitui, portanto, a linguagem da piedade, cujas características são, principalmente, a exploração do sofrimento *per se* e a exemplaridade dos sofredores.

Apesar da persistência, na atualidade, de diversos aspectos salientados no investimento teórico sobre a retórica da piedade por H. Arendt e seus leitores (BOLTANSKI, 1993), é necessário perceber e considerar as diferenças entre a realidade social e política do século XVIII e a do século XXI, no que tange às construções narrativas sobre sofrimento (VAZ; RONY, 2011). Especialmente quando se tratam de modalidades específicas de narrativas, como as jornalísticas. Por outro lado, é preciso também considerar a permanência de certas “maneiras de contar” no tempo. Estabilidade essa que ajuda a constituir tais modalidades narrativas. Como nos lembra Motta,

O jornalismo é uma atividade mimética: representa a vida, as ações dos homens, dos bons e maus homens, relata os dramas, as tragédias, as sagas e as epopéias contemporâneas. As notícias são relatos fragmentados e contraditórios sobre a nossa existência, sobre as nossas dores e os nossos amores, nossos sofrimentos e gratificações, sobre os acasos e contingências que nos afetam (MOTTA, 2004, p. 15).

Se o jornalismo se constitui enquanto atividade narrativa voltada, sobretudo, para uma aventura social, é certo que os modos e estratégias de narrá-la se transformam com o passar do tempo, ao sabor das transformações sociais. As mídias jornalísticas, ao narrarem experiências de sofrimento, orientam cada vez mais nossa compaixão para indivíduos concretos, falando do passado das vítimas (VAZ; RONY, 2011). A inserção de indivíduos concretos com suas histórias pessoais transforma o clamor generalista e impessoal próprio da piedade em uma demanda por compaixão. Nesse sentido, a retórica da piedade cederia lugar a uma nova retórica, a da produção da “vítima virtual”, cuidadosamente identificada e singularizada.

Parece-nos, no entanto, que evocar a abordagem arendtiana das formas retóricas de um contexto político peculiar de outrora para o atual contexto midiático não implica necessariamente o abandono

daquelas categorias que, em certo sentido, ainda se mostram profícuas para entendermos certas apropriações jornalísticas do sofrimento na contemporaneidade. Como afirma Chouliaraki (2006a, p. 265, tradução nossa), “a política da piedade continua assumindo uma função política crucial na apresentação pública do infortúnio humano, com vistas a despertar emoção nos espectadores, bem como a convidar suas deliberações imparciais sobre como agir a respeito do infortúnio”.

Importa-nos, no que pode remanescer da política da piedade, a persistência das narrativas jornalísticas de sofrimento e a constituição de cenas em que figuram sujeitos como as trabalhadoras infantis domésticas. Nosso propósito é, portanto, estender o olhar que privilegiava certo conjunto de narrativas jornalísticas preponderantemente visuais para narrativas do jornalismo impresso diário - privilegiando, por questão de escopo, a informação verbal -, bem como para experiências de sofrimento relacionadas ao trabalho infantil doméstico. Ao perseguirmos esse objetivo, buscaremos observar narrativas como a de Cida à luz dos pressupostos que constituem a base da noção de linguagem da piedade, no sentido tanto de compreender de que maneira o jornalismo se apropria do sofrimento do outro na contemporaneidade, quanto de observar as formas pelas quais essa apropriação dá ensejo à constituição desse sofrimento como problema político - isto é, o modo como o jornalismo constrói o trabalho infantil doméstico como questão diante da qual é preciso agir.

#### **4 APONTAMENTOS METODOLÓGICOS**

Antes de problematizar exemplos de narrativas jornalísticas de sofrimento no contexto do trabalho infantil doméstico, é preciso fazer algumas considerações sobre as operações narrativas de construção de cenas de sofrimento, bem como sobre lugares ocupados pelos sujeitos sofrendores nessas cenas, categorias balizadoras de nossa análise.

Para Chouliaraki (2006b), o jornalismo constrói o infortúnio dos outros a partir da narrativização de cenas de sofrimento. Embora a autora esteja interessada na análise de narrativas telejornalísticas, a configuração dessas cenas ocorre “ocultando e reconhecendo os significados fornecidos por cada meio [de comunicação]” (Chouliaraki,



2006b, p. 38, tradução nossa). Ou seja, a construção de cenas de sofrimento não diz respeito apenas aos relatos televisuais, mas à própria atividade narrativa midiática de retratar a dor de sujeitos através da tessitura de enredos e da descrição desses contextos de sofrimento.

Essa perspectiva corrobora a percepção de Frosh (2009) sobre a capacidade que os testemunhos escritos têm de ativar uma presença imaginária dos leitores nas cenas relatadas. A relevância das cenas de sofrimento, nesse sentido, reside em seu potencial de contextualização e detalhamento das situações e condições de sofrimento a que são submetidos os sujeitos. Com isso, constituem uma dimensão essencial da mediação jornalística, pela via narrativa, entre a realidade daqueles que sofrem e o lugar daqueles que tomam conhecimento do infortúnio alheio. Essas cenas tornam-se, assim, mais do que uma categoria de análise narrativa, mas também uma categoria ética que define o lugar dos sujeitos sofredores.

Segundo Tait (2011), na análise de determinadas narrativas de sofrimento, interessa tanto a riqueza de detalhes descritos sobre os contextos e situações de dor, quanto os lugares ocupados pelas vítimas de sofrimento no curso desses relatos, bem como pelo próprio narrador em relação aos sujeitos sofredores. Após analisar a cobertura do jornalista Nicholas Kristof aos conflitos de Darfur – premiada com o Prêmio Pulitzer de jornalismo –, a autora percebeu que, naquele conjunto de relatos jornalísticos, o narrador não apenas colocou-se nas cenas de atrocidades, como no lugar de quem clama por ações efetivas voltadas àquela realidade narrada.

Nesse sentido, assim como as cenas de sofrimento, o lugar dos sujeitos aparece como uma categoria narrativa e ética, podendo ser compreendido a partir das falas reproduzidas ao longo das narrativas jornalísticas, bem como da inscrição narrativa dos personagens, de suas ambições e vontades em lugares sociais pré-determinados, como o da subalternidade, o da pobreza excessiva, ou mesmo o da ignorância e da falta de educação. Portanto, tomamos os lugares dos sujeitos sob o ponto de vista de sua inscrição nas cenas de sofrimento, mas também de seu papel no curso das histórias contadas sobre eles próprios e sobre suas vidas.

Do conjunto de narrativas jornalísticas observadas, selecionamos duas matérias a serem examinadas: a que conta a trajetória de Cida, apresentada no início do trabalho, e a que aborda o contexto de vida de uma adolescente, a “menina L.S”, como trabalhadora infantil doméstica. Esses textos são, a nosso ver,

representativos do modo como as histórias de vida de trabalhadoras infantis domésticas figuraram no noticiário sobre o tema.

## 6 “UMA VIDA INTEIRA DE SACRIFÍCIOS”

A narrativa sobre a vida de Cida aponta, logo de início, para a importância dada aos testemunhos de trabalhadores infantis domésticos: “Se as estatísticas são excelentes indicadores das injustiças sociais, as histórias e dramas humanos traduzem o que os números apontam. A história de Maria Aparecida dos Santos revela, na prática, o que é trabalhar na infância” (ZAGHETTO, 2008, p. A10). Frente à impessoalidade das estatísticas sobre o trabalho infantil doméstico, a narrativa jornalística sobre a vida de Cida promete explorar os dramas e sofrimentos sentidos na pele por trabalhadoras infantis domésticas. A despeito do enfoque na história de vida desses sujeitos, em seus dramas e vivências, a narrativa do Diário do Pará opera também uma dessingularização: a vida de Cida é apresentada sobretudo como exemplo da história de mulheres que foram trabalhadoras infantis domésticas “na prática”.

Ao longo do texto jornalístico, as cenas de sofrimento e de exploração as quais Cida viveu são construídas detalhadamente: “Passou a infância carregando compras, lavando chão, cozinhando e passando roupas” (ZAGHETTO, 2008, p. A10). Essas operações de contextualização são corroboradas por falas da personagem, cujo lugar na narrativa é estritamente o do sujeito sofredor, de vítima que não se dá conta do processo de exploração a partir do qual é subjugado:

‘Eu embalei cada uma das crianças que nasceram na família’, conta Cida. Estudo? Ela tentou, mas vivia cansada de tantas atividades. ‘Acho que a minha cabeça não é boa para estudo’, diz, com simplicidade. Nunca teve roupas novas, local adequado para estudar ou estímulo para realizar sonhos (ZAGHETTO, 2008, p. A10).

O sofrimento vivido por Cida é detalhado à medida que os depoimentos dessa personagem são inscritos na narrativa, cuja principal estratégia consiste em interpretá-los como relatos de uma vida desperdiçada na lida. Mais do que explorar o sofrimento alheio como mero infortúnio, aquela história tenta reconhecer no corpo, nos gestos e na fala da personagem a encarnação do sofrimento. A aparência de Cida também é destacada como expressão do

sofrimento: “Tudo nela revela a vida de sacrifícios: mãos calosas, aparência envelhecida, ar cansado” (ZAGHETTO, 2008, p. A10).

Cida conta sem lamentar o fato de ter cuidado de todas as crianças da família empregadora e se mostra resignada acerca do fracasso na escola. Quem descortina o sofrimento ao introduzir e também ao examinar as falas de Cida é a própria jornalista, que se refere ao cansaço como uma das justificativas para o insucesso dela na escola e que detalha ainda outro aspecto desse sofrimento, ao destacar que Cida sempre vestia roupas usadas e que não tinha um espaço próprio e nem “estímulo para realizar sonhos”. Essa tessitura narrativa cria certa cumplicidade entre leitor e jornalista que, de antemão, tomam conhecimento do sofrimento de Cida enquanto ela aponta aspectos considerados positivos da relação que tinha com a família empregadora.

A exposição do infortúnio de Cida é acirrada ainda pela referência irônica à ilusão da ausência de opressão: “Eu era tratada como pessoa da família. O padrinho só comia bolo feito pela minha mão’, orgulha-se. Talvez por ser da família não tinha folga semanal e muito menos férias. Jamais se casou” (ZAGHETTO, 2008, p. A10). A ironia presente nesse trecho marca de forma evidente a distância que se interpõe entre a interpretação do próprio sujeito sobre suas vivências e o domínio da palavra por parte daquele que narra e assume, claramente, uma postura de saber – e não só de saber, mas de saber mais do que o outro sobre o outro e sua própria condição, reservando a este um lugar de subalternidade, de ingenuidade e de ignorância.

Frente à história de vida de Cida e na tentativa de romper com a ilusão de não dominação, a repórter se coloca, então, ativamente na narrativa, e detalha o momento em que interveio: “Explico para Aparecida o que é trabalho infantil doméstico. Um longo silêncio se põe entre nós (...)” (ZAGHETTO, 2008, p. A10). Aquela mulher que tinha corporificadas marcas da realização de serviços domésticos desde os cinco anos precisava, então, de um agente externo – a própria jornalista que fazia a reportagem – para saber o que tinha ocorrido consigo, saber o que era “trabalho infantil doméstico”.

O jornalista, esse narrador pretensamente discreto, que se camufla e tenta se apagar como mediação, acaba assumindo um lugar central naquela história, ao sugerir “trazer à luz” a consciência daquela ex-trabalhadora infantil doméstica. Compreendemos que o gesto do narrador, nesse caso, coerente ao lugar de ignorância e subalternidade em que a narrativa inscreve a personagem, evidencia

a construção de cenas de sofrimento e o desvelamento dos lugares dos sujeitos como categorias não apenas narrativas, mas também éticas - no sentido de trazerem à tona relações políticas que surgem na tessitura da intriga jornalística.

Ao revelar a Cida que a situação em que ela vivia era análoga à escravidão, a própria jornalista se configura como sujeito que inflige o sofrimento. A cena de sofrimento provocada pela intervenção da repórter se torna ainda mais evidente pela descrição do longo silêncio que se interpôs entre Cida e a repórter, "(...) até que ela sorri e deixa escapar a mágoa que ocultou a vida inteira: 'No meu tempo o governo não ligava se tiravam a gente de casa para servir de criança-escrava'. Pergunto a ela o que faria se pudesse alterar o passado: 'Ah, eu ia ser professora... ou enfermeira. Acho lindo', conta, sorrindo" (ZAGHETTO, 2008, p. A10).

A última pergunta da repórter retoma a narrativa do sofrimento de um modo distinto, não mais pelo que Cida viveu e sofreu, mas por ressaltar, novamente, o infortúnio pelo não vivido, pelos projetos de vida frustrados pelo trabalho infantil doméstico – retomando, assim, aquilo que desde o início daquela narrativa era o que realmente importava: o sofrimento da personagem, uma entre outras tantas trabalhadoras infantis domésticas. No centro de todo o interesse pelo relato de Cida, revela-se um interesse ainda maior por seu sofrimento, que se torna fonte da autenticidade e do enredamento de uma personagem tão exemplar como supostas virtudes daquele relato.

## **7 O COTIDIANO DA MENINA L.S.: “DIREITOS VIOLADOS”**

Publicada no jornal O Liberal em 15 de março de 2002, a história de L.S. é apresentada sob o título “Adolescente tem direitos violados”, vinculada à reportagem “Pesquisa traça painel do trabalho infantil doméstico”. A matéria principal aborda dados preliminares de um levantamento sobre esse tipo de trabalho infantil em Belém realizado pelo Cedeca-Emaús. O cotidiano da menina “L.S.” – tal como ela é identificada no texto jornalístico – é construído para demonstrar os dramas e as tensões presentes na vida de adolescentes domésticas:

A menina L.S., de apenas 14 anos, é um exemplo típico de trabalhadora infantil doméstica que apresenta uma série de direitos violados. [...] Parou de estudar na 5ª série do ensino fundamental, ganha R\$150 mensais, fica com R\$100 e leva o restante para sua mãe que vive no município de Moju, em uma das duas folgas que tem por mês (PESQUISA..., 2002, p. 05).

A construção da cena tem início com a narração da situação de vida da adolescente, que parou de estudar, ganha menos de um salário mínimo, que na época era de duzentos reais, e mesmo assim o utiliza para ajudar a mãe, residente em Moju, distante 155 km de Belém, quando goza uma das duas folgas mensais permitidas pelos patrões. Ao apresentar L.S. como um “exemplo típico” de trabalhadora infantil doméstica, a narrativa jornalística logo dá a ver a exemplaridade daquela personagem. Ao fazê-lo, torna L.S. parte daquele grupo de trabalhadoras desafortunadas, uma espécie de amostra para corroborar a crítica ao trabalho infantil doméstico.

O discurso jornalístico de sofrimento é reforçado pelo relato da menina acerca das restrições impostas pela patroa:

“Faz tempo que não falo com meus pais, pois ela [patroa] não deixa eu fazer ligação, só se acontecer algo com o bebê”. Ela conta que quando sua patroa a pediu para sua tia, que mora em Belém, disse que era apenas para cuidar de um bebê. Quando ela chegou na casa percebeu que faria as demais tarefas domésticas. “Eu só não lavo roupa, o resto eu faço, pois eles todos trabalham e só chegam à noite” (PESQUISA..., 2002, p. 05).

O sofrimento, nesse caso, não é infligido por castigos físicos, mas pelo excesso de trabalho e pelo cerceamento dos direitos da adolescente, como estudar e manter contato com a família: “L.S. disse que não está estudando porque sua patroa ‘não quer menina que estude por causa do bebê’”. A fala é parte do contexto de sofrimento, já que os desejos ou direitos da adolescente são relegados a segundo plano em função da tarefa de babá. Configura-se, pouco a pouco, uma cena na qual as restrições se tornam evidentes pela expectativa de que a adolescente fique sempre disponível para cumprir seu papel, ainda que isso resulte em graves prejuízos a ela.

A forma como a história da adolescente é contada pela narrativa jornalística enfoca os desrespeitos e a privação de direitos relacionados ao trabalho infantil doméstico. A adolescente figura, naquela narrativa, como um objeto “cedido” pela tia, sendo posicionada como vítima passiva frente às imposições restritivas e às exigências da patroa. Assim, à menina L.S. é reservado o lugar

do sujeito sofredor, inscrito narrativamente de um modo bastante peculiar: um personagem que não reage à situação de exploração na qual está inserido. A realidade do trabalho infantil doméstico, a partir desse “exemplo típico”, é descrita, sobretudo, como uma condição dissimuladora, isto é, como cena na qual os sujeitos sofrem porque são explorados e enganados por aqueles que prometem protegê-los.

A construção da narrativa evidencia, ainda, o intuito jornalístico de esmiuçar o sofrimento, gesto próprio da linguagem da piedade, ao buscar novos elementos para construção da cena do sofrimento em que a menina L.S. está inserida: “Perguntada se ela já sofreu maus-tratos, ela disse que não, porém no meio da conversa acaba contando as ‘brincas’ que levou. ‘Eu não gosto de levar bronca porque nem meu pai faz isso’, ressentido-se” (PESQUISA..., 2002, p. 05). O desdobramento da indagação sobre os maus-tratos ocorre quase como se o fato de a menina contar que não havia sofrido violência física fosse um desfecho não esperado para uma situação “exemplar” de trabalho infantil doméstico.

## 8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

À primeira vista, narrativas jornalísticas sobre temas polêmicos, que denunciam injustiças e, para tanto, lançam mão de personagens reais cujas histórias ajudam a evidenciar questões políticas, podem parecer gestos adequados às regras deontológicas que referendam as práticas jornalísticas. No entanto, as operações descritivas das cenas de sofrimento e os papéis pré-determinados de Cida e da menina L.S. como sujeitos sofredores naquelas narrativas são importantes indicadores daquilo que estamos abrigoando sob a rubrica da “linguagem da piedade”. Além da exposição do sofrimento daquelas mulheres e da exemplaridade com que servem a certa lógica narrativa de tomar a parte pelo todo, aquelas narrativas reforçaram o lugar de subalternidade daqueles sujeitos, inscritos como vítimas por excelência de uma condição opressora para a qual não há formas de resistência, nem soluções possíveis.

Os exemplos examinados revelam o caráter problemático de determinadas narrativas jornalísticas de um ponto de vista ético. Se, num primeiro momento, essas histórias podem se mostrar gestos sensíveis a determinadas questões e sujeitos que vivem situações de sofrimento, uma análise preocupada com os modos de narrar o

sofrimento e com a inscrição dos sujeitos sofredores nessas narrativas pode revelar nuances capazes de matizar determinadas estratégias e abordagens jornalísticas.

De maneira geral, a tematização de determinados assuntos sob a forma da denúncia e a inscrição de personagens, suas histórias de vida e seus depoimentos, costumam ser procedimentos recomendados por certo conjunto de diretrizes jornalísticas. Nesse sentido, a análise empreendida mostrou-se um esforço válido de tentar compreender as maneiras pelas quais o sofrimento se faz visível por meio das narrativas jornalísticas, com todos os problemas éticos subjacentes à inscrição dos sujeitos, à descrição das cenas e contextos de sofrimento e à postura dos narradores frente às experiências de sofrimento.

O que, para Vaz e Rony (2011), poderia ser uma transformação ou mesmo superação da linguagem da piedade para a retórica da vítima virtual, na verdade se insinua como permanência daquela exemplaridade, mas sob a forma da exploração da singularidade. A estratégia empregada por aquelas narrativas jornalísticas individualiza para explorar e, ao mesmo tempo, explora para exemplificar o sofrimento que não é só de Cida ou L.S., mas de muitas trabalhadoras e ex-trabalhadoras infantis domésticas.

O substrato da chamada linguagem da piedade parece fornecer importantes pistas para o entendimento de determinadas narrativas jornalísticas de sofrimento. Como já alertava Arendt (2011), a piedade se confunde facilmente com a compaixão quando se percebe a presença de um *zèle compatissant* que, no entanto, não motiva a disposição de agir ante o sofrimento, mas se alimenta do próprio sofrimento diante do qual não parece haver ação possível.

Por outro lado, como lembra Scannell (2009), é comum a acusação de que as mídias “parasitam” determinados acontecimentos, aproveitando-se do que eles possam lhes fornecer em termos de imagens e relatos. As narrativas sobre trabalhadoras infantis que tiveram uma vida de trabalho duro, confinadas nas casas dos outros, sujeitas a formas diversas de violência, poderiam facilmente ser alvo desse tipo de crítica. Contudo, ainda é preciso considerar a relevância dessas narrativas jornalísticas sobre os “dramas e tragédias” humanos (MOTTA, 2004), no sentido de reafirmar a relevância política não apenas de situações de sofrimento denunciadas, mas da própria vida de determinados sujeitos.

A persistência desse dilema reafirma a necessidade da

compreensão das narrativas jornalísticas que constroem cenas de sofrimento e sujeitos sofredores. À luz da linguagem da piedade, essas histórias trazem repercussões decisivas para a configuração (ou não) do trabalho infantil doméstico como problema político que concerne a todos, bem como para as narrativas jornalísticas em seus gestos de retratação do sofrimento dos outros.

## REFERÊNCIAS

ANTUNES, E. Acontecimentos violentos, ressentimento e as marcas de uma interpretação. In: FRANCA, V. R. V.; OLIVEIRA, L. (Org.). **Acontecimento: reverberações**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012, p. 269-292.

ARAGÃO-LAGERGREN, A. Urban informal sector. The case of Child Domestic Work in Guatemala City. **Revista da Faculdade de Letras – Geografia**, Porto, v. XIX, n. 1, p. 99-109, 2003.

ARENDT, H. **Sobre a Revolução**. São Paulo: Cia. das Letras, 2011.

LAGE, L. O testemunho na TV: Profissão Repórter e a encenação da encenação. **Intercom**, v. 38, p. 139-158, 2015.

LAGE, L. O testemunho do sofrimento como problema para as narrativas jornalísticas. **Contracampo**, v. 27, p. 71-88, 2013.

BIONDI, A.; VAZ, P. B. Figuras solenes, fatos qualificados. Narrativas de vida e morte no fotojornalismo. **Eco-Pós**, v. 14, n. 2, p. 97-109, 2011.

BOLTANSKI, L. **La souffrance à distance: morale humanitaire, médias et politique**. Paris: Métailié, 1993.

CAL, D. **Configuração política e relações de poder no trabalho infantil doméstico: tensões nos discursos dos *media* e de trabalhadoras**. 298f. Tese (Doutorado). Universidade Federal de Minas Gerais, Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social, Belo Horizonte, 2014.

CARNEIRO, M.T.; ROCHA, E. Do fundo do buraco: o drama social das empregadas domésticas. In: SOUZA, J. **A ralé brasileira: quem é e como vive?** Belo Horizonte: UFMG, 2009, p. 125-142.

CHARAUDEAU, Patrick. A televisão e o 11 de setembro: alguns efeitos do imaginário. **Logos**, v. 13, n. 1, p. 11-20, 2006.

CHOULIARAKI, L. The aestheticization of suffering on television. **Visual Communication**, v. 5, p. 261-285, 2006a.

CHOULIARAKI, L. **The spectatorship of suffering**. London: Sage, 2006b.



CHOULIARAKI, L. O 11 de setembro, a sua colocação em imagens e o sofrimento à distância. In: DAYAN, D. **O terror do espetáculo: terrorismo e televisão**. Lisboa: Edições 70, 2009, p. 173-192.

FROSH, P. Telling presences: witnessing, mass media, and the imagined lives of strangers. In: FROSH, P; PINCHEVSKI, A. (Org.). **Media witnessing: testimony in the age of mass communication**. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2009, p. 49-72.

LAMARÃO, M. L. A constituição das relações sociais de poder no trabalho infanto-juvenil doméstico: estudo sobre estigma e subalternidade. 2008. **Dissertação** (Mestrado em Serviço Social) - Universidade Federal do Pará, Belém, 2008.

LEAL, B. S.; CARVALHO, C. A. (Org.). **Narrativas e poéticas midiáticas: estudos e perspectivas**. São Paulo: Intermeios, 2013.

MOTTA, L. G. Jornalismo e configuração narrativa da história do presente. **E-Compós**, n. 1, v. 1, p. 1-26, 2004.

MOTTA, L. G. **Análise Crítica da Narrativa**. Brasília: UnB, 2013.

MOTTA-MAUÉS, M. Uma mãe leva a outra (?): práticas informais (mais nem tanto) de “circulação de crianças” na Amazônia. **Scripta Nova**, Barcelona, v. XVI, n. 398, p. 1-24, 2012.

OIT. Notas OIT: O Trabalho Doméstico Remunerado na América Latina e Caribe. **OIT**, 2011, p. 1- 4.

PESQUISA traça o painel do trabalho infantil. **O Liberal**, Belém, 15 mar. 2002.

PICADO, B. A ação e a paixão que se colhem num rosto: pensando os regimes de discurso do retrato humano no fotojornalismo. **Galáxia**, v. 18, n. 2, p. 284-299, 2009.

RESENDE, F. A. O jornalismo e suas narrativas: as brechas do discurso e suas possibilidades de encontro. **Galáxia**, São Paulo, v. 18, p. 31-43, 2009.

SCANNELL, P. Qual é a realidade da desgraça? In: DAYAN, D. **O terror do espetáculo: terrorismo e televisão**. Lisboa: Edições 70, 2009, p. 37-56.

SERELLE, M. Profissão repórter revisitado: as dimensões do afeto. In: SOARES, R. L.; GOMES, M. R. (Org.). **Profissão Repórter em diálogo**. São Paulo: Alameda, 2012, p. 177-187.

SODRÉ, M. **A narração do fato: notas para uma teoria do acontecimento**. Petrópolis: Vozes, 2009.

SONTAG, S. **Diante da dor dos outros**. São Paulo: Cia. das Letras, 2003.

TAIT, S. Bearing witness, journalism and moral responsibility. **Media, Culture & Society**, v. 33, n. 8, p. 1220-1235, 2011.

VAZ, P.; RONY, G. Políticas do sofrimento e as narrativas midiáticas de catástrofes naturais. **FAMECOS**, v. 18, p. 218-234, 2011.

ZAGHETTO, S. Trabalho Ainda Ameaça Infância. **Diário do Pará**, Belém, 30 mar. 2008, p. A10.

ZELIZER, B. On “having been there”: “eyewitnessing” as a journalistic key word. **Critical Studies in Media Communication**, v. 24, n. 5, p. 408-428, 2007.

**Danila Cal** é doutora em Comunicação Social pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura da Universidade da Amazônia (Unama). Líder do Grupo de Pesquisa em “Comunicação, Política e Subalternidade” (ComSub - Unama) e pesquisadora do “Grupo de Pesquisa em Mídia e Esfera Pública” (EME-UFMG). E-mail:danilagentilcal@gmail.com

**Leandro Lage** é doutorando em Comunicação Social pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Pesquisador do Grupo de Pesquisa Tramas Comunicacionais (UFMG). Professor do Curso de Comunicação Social da Universidade da Amazônia (Unama). E-mail:leandrorlage@gmail.com

RECEBIDO EM: 28/02/2015 | ACEITO EM: 26/08/2015